

# Leituras de “A flor e a náusea”, de Carlos Drummond de Andrade, em práticas de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa

Readings of “The Flower and the Nausea”, by Carlos Drummond de Andrade, in an Internship in Portuguese Language Teaching

Lecturas de “A flor e a náusea», de Carlos Drummond de Andrade, en prácticas de Pasantía de Intervención en Lengua Portuguesa

Diogo dos Santos Souza  
Universidade Federal de Alagoas/Instituto Federal de Alagoas

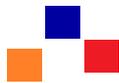
Eliana Kefalás de Oliveira  
Universidade Federal de Alagoas

## Resumo

O contato entre o leitor e palavra literária é uma experiência complexa que, no contexto da sala de aula, demanda do professor o planejamento de estratégias de leitura e preparo de abordagens do texto que o transformem num objeto significativo para o estudante. O objetivo do presente artigo é apresentar o relato de uma oficina de leitura sobre o poema “A flor e a náusea”, de Carlos Drummond de Andrade, realizada por alunos da disciplina Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa 2, que teve como foco a teoria e prática do ensino de Literatura, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. Através da elaboração e execução da oficina, os estudantes estagiários notaram que as “inquietações” do metapoema escolhido poderiam se transformar em caminhos de produção de sentidos variados, tornando a sala de aula um lugar também de encontro com o inesperado. Isto posto, concluiu-se que, na exploração da leitura literária, as lacunas, os vazios e as indeterminações geradas pelo poema tornam-se elementos que poderiam compor um convite ao leitor a jogar com o texto e com os seus modos de leitura. **Palavras-chave:** Poesia, Ensino, Carlos Drummond.

## Abstract

The contact between the reader and the literary word is a complex experience that, in the context of the classroom, requires that teachers plan reading strategies and prepare approaches to the text that make it a significant object for students. The purpose of this article is to present the report of a reading class on the poem “The flower and the nausea”, by Carlos Drummond de Andrade, carried out by students of the Internship in Portuguese Language 2 course, at the



Faculty of Arts of the Federal University of Alagoas. The focus of this course is theory and practice of teaching Literature. Throughout the preparation and development of the class, the students noticed that the “disquietnesses” of the chosen metapoem could lead to varied meanings, making the classroom a place where the unexpected is met. Therefore, in the exploration of literary reading, the gaps, voids and indeterminacies generated by the poem become elements that can compose an invitation for the reader to play with the text and with its modes of reading. **Key-words:** Poetry, Teaching, Carlos Drummond.

## Resumen

El contacto entre el lector y la palabra literaria es una experiencia compleja que, en el contexto del aula, demanda del profesor la planificación de estrategias de lectura y preparación de enfoques con el texto que lo transformen en un objeto significativo para el estudiante. El objetivo del presente artículo es presentar el relato de una clase de lectura sobre el poema “A flor e a náusea”, de Carlos Drummond de Andrade, realizada por alumnos de la asignatura de la Pasantía de Intervención en la Lengua Portuguesa 2, que tuvo como foco la teoría y práctica de la enseñanza de Literatura, de la Facultad de Letras de la Universidad Federal de Alagoas. A través de la elaboración y ejecución de la lección, los estudiantes pasantes notaron que las “inquietudes” del metapoema elegido podrían transformarse en caminos de producción de sentidos variados, lo que convierte el aula en un lugar también de encuentro con lo inesperado. En este sentido, se concluye que, en la exploración de la lectura literaria, los huecos, los vacíos e indeterminaciones generadas por el poema se convierten en elementos que podrían constituirse en una invitación al lector a jugar con el texto y con sus modos de lectura.

**Palabras clave:** Poesía, Enseñanza, Carlos Drummond de Andrade.

## 1. Introdução

No ensino de literatura, um dos desafios prementes é o estabelecimento do contato efetivo com o texto literário, em especial com a poesia, de modo a atrair o aluno para a malha de significações e para a pluralidade de sentidos dos poemas. O presente trabalho<sup>1</sup> tem o intuito de analisar uma prática de ensino de literatura realizada por estudantes do Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa 2<sup>2</sup>, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), momento destinado ao estudo de práticas e metodologias de leitura na sala de aula.

Foram feitas análises de diários de campo da oficina de leitura literária aplicada em uma turma do primeiro ano do Ensino Médio do Colégio da Polícia Militar Tiradentes,

---

1 A discussão que propomos apresentar neste artigo corresponde a um recorte da dissertação “Um eu todo retorcido no jogo de leitura de ‘A flor e a náusea’, de Carlos Drummond de Andrade: metapoesia e ensino”, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), em março de 2015, de autoria de Diogo dos Santos Souza e orientação de Eliana Kefalás Oliveira.

2 Os áudios das aulas foram gravados através de celular e, posteriormente, transcritos por Diogo dos Santos Souza, sendo ainda utilizados nos diários de campo aqui analisados, escritos por esse mesmo autor.

situado em Maceió/Alagoas. O professor<sup>3</sup> e os discentes estagiários da disciplina Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa 2 planejaram uma prática, realizada em dezembro de 2014, de leitura literária com base no poema “A flor e a náusea”, texto que pertence ao livro *A rosa do povo* (1942), de Carlos Drummond de Andrade. Observamos, nesse contato entre o poema, os estagiários e os leitores da educação básica, as formas como o texto literário foi levado para a sala de aula, bem como os traços metapoéticos que foram abordados pelos estagiários em diálogo com os estudantes, analisando também as inquietudes dessa experiência de trabalho.

Interessa-nos, portanto, pensar que este trabalho, fruto de um diálogo com a poesia de Carlos Drummond de Andrade, pode contribuir para a forma como o leitor vê não somente a metapoesia do autor de “sete faces”, como também a metapoesia de uma forma geral, atrelada à formação do leitor. Para a nossa surpresa, ainda parece ser um tanto incipiente, de acordo com os levantamentos bibliográficos realizados, a quantidade de trabalhos que se ocupam em estudar as propriedades que caracterizam o discurso metapoético. Essa zona aparenta ser minimizada ainda mais quando relacionamos essa temática a uma proposta de leitura que visa descobrir novos modos de construir o encontro entre o texto e o leitor.

De modo geral, procura-se refletir sobre de que maneira a poesia que fala de si própria pode ser transformada num convite à leitura, num convite que joga, brinca e provoca o leitor a entrar nas veredas do acaso, do inesperado, do mundo literário.

## 2. Leituras de “A flor e a náusea”

Na realização da oficina de leitura, um trio de estagiários foi encaminhado para uma turma do 1º ano do Ensino Médio com a incumbência de levar uma proposta de leitura do poema “A flor e náusea”, apontando caminhos de leitura que pudessem indicar os aspectos metapoéticos da poesia de *A rosa do povo*.

Em um primeiro momento da atividade na sala de aula, a estagiária 1 pede para que cada aluno diga o seu nome e cite a “experiência literária” que teve, seja com poema ou qualquer outro gênero lido. Em seguida, a estagiária 1 explica a complexa posição de Carlos Drummond no momento de sua produção poética frente à ditadura:

[...] ou você se colocava contra ou a favor. Carlos Drummond se colocou contra o momento em que a censura estava presente no Brasil. As pessoas tinham que seguir aquele padrão. Como ficavam as pessoas que eram contra o sistema? Os artistas tinham que se manifestar de alguma forma.<sup>4</sup>

3 A disciplina de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa foi ministrada no segundo semestre letivo de 2014, por Diogo dos Santos Souza, que atuou como professor voluntário na ocasião.

4 Todas as referências a passagens dos momentos da aula mencionada competem ao Diário de Campo da aula do dia 8 de dezembro de 2014.



Observa-se aqui a escolha de antecipar informações relacionadas ao contexto histórico antes de trabalhar a interpretação do texto. A estagiária destaca que alguns artistas encontravam caminhos menos explícitos para expor o seu pensamento, numa espécie de indicação da atmosfera do poema que será lido. Ela também pergunta se todos já ouviram falar sobre as figuras de linguagem, especificamente a metáfora.

Prosseguindo esse momento inicial, realizou-se a leitura do metapoema, objeto de estudo da aula:

Preso à minha classe e a algumas roupas,  
vou de branco pela rua cinzenta.  
Melancolias, mercadorias espreitam-me.  
Devo seguir até o enjoo?  
Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:  
Não, o tempo não chegou de completa justiça.  
O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.  
O tempo pobre, o poeta pobre fundem-se no mesmo impasse.

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.  
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.  
O sol consola os doentes e não os renova.  
As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.

Vomitam este tédio sobre a cidade.  
Quarenta anos e nenhum problema  
resolvido, sequer colocado.  
Nenhuma carta escrita nem recebida.  
Todos os homens voltam para casa.  
Estão menos livres mas levam jornais  
e soletram o mundo, sabendo que o perdem.

Crimes da terra, como perdoá-los?  
Tomei parte em muitos, outros escondi.  
Alguns achei belos, foram publicados.  
Crimes suaves, que ajudam a viver.  
Ração diária de erro, distribuída em casa.  
Os ferozes padeiros do mal.  
Os ferozes leiteiros do mal.

Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.  
Ao menino de 1918 chamavam anarquista.  
Porém meu ódio é o melhor de mim.  
Com ele me salvo  
e dou a poucos uma esperança mínima.

Uma flor nasceu na rua!  
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego. Uma flor ainda  
desbotada ilude a polícia, rompe o asfalto  
Façam completo silêncio, paralisem os negócios,  
garanto que uma flor nasceu.



Sua cor não se percebe.  
Suas pétalas não se abrem.  
Seu nome não está nos livros. É feia.  
Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde  
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.  
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.  
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.

É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio,  
o nojo e o ódio.  
(ANDRADE, 2003, p.118-119)

Continuando a aula, a estagiária 1 explica o que é metapoema: “é quando um poema fala sobre o próprio poema”. Essa definição (talvez um tanto generalizante) torna-se a referência inicial à autorreflexividade literária apresentada na aula. Na primeira leitura de “A flor e a náusea”, o estagiário 2 pede para que os alunos sublinhem os elementos que fazem o texto ser literário. O estagiário lê o poema e faz o seguinte comentário ao término da leitura: “às vezes ele (sujeito lírico) não fala umas coisas sem sentido? Ou será que há sentido? Há metáforas nesse texto?”. Ainda que a expressão “coisas sem sentido” seja questionável por associar a literatura ao não inteligível, essas primeiras indicações de possíveis olhares para o poema que são lançadas para a turma acabam por ganhar um tom provocador, pois, ao assumir que pode ou não haver “coisas sem sentido” nos versos lidos, os alunos atentam-se para o inapreensível e para o que espera ser interpretado pelo leitor. Pode-se observar essas “coisas sem sentido” através da ausência de conexão, por exemplo, entre a sexta e a sétima estrofe, o que evidenciaria um eu lírico que não se expressa na esteira de uma linearidade, angustiando-se nesse espaço em que a flor ainda não nasceu. É como se o sujeito lírico incomodado pudesse tirar aqueles leitores em diálogos de suas zonas de conforto, permitindo que o *eu todo retorcido* quisesse contaminar as experiências de interpretação dos próprios leitores. Candido (1965, p.83), em “Inquietudes na poesia de Drummond”, diz que “o eu torto do poeta é igualmente uma subjetividade de todos, ou de muitos, no mundo torto”. Nesse caminho, essa noção de “torção” proposta por Candido foi apropriada no desenvolvimento da leitura da obra de Carlos Drummond de Andrade.

O estagiário 2, na tentativa de explorar possibilidades de leitura para o título do poema, pergunta: “O que tem a ver vomitar o tédio com o título do texto?”. Os alunos respondem que esse “tédio” se relaciona com a náusea, sendo a flor “uma coisa boa e a náusea não”. Nesse contexto, o estagiário 2 segue com uma nova pergunta: “Será que o cheiro da flor causou náusea e ele vomitou?”. A turma não concorda, talvez por causa da identificação, feita pelos alunos, da antítese “flor e náusea”. O aluno Gustavo<sup>5</sup> afirma: “a náusea, eu acho que é relacionada como se fosse a expulsão da vida, que não abre caminhos, sei lá...”.

---

5 Fizemos a opção de resguardar a identidade de cada interlocutor utilizando nomes fictícios para cada um deles.

Poderíamos pensar, a partir da fala desse estudante que a náusea do eu lírico se trataria de uma espécie de exílio do seio social em que vive, próximo da escrita literária que está sendo gestada. Desse modo, o estado nauseante, elemento que compõe a imagem de “um eu todo retorcido,” proporciona a compreensão da atmosfera metapoética: um indivíduo que sofre ao estar distante da poesia, sentindo-se exilado.

Ainda na leitura do início do texto, o estagiário 2 lê o verso inicial: “Preso a minha classe e algumas roupas”. Em seguida, ele pergunta à turma o que esse verso pode significar. O aluno Everaldo afirma que “as roupas são as aparências que cada classe tinha”, apontando para a reflexão de uma possível prisão nas aparências, ao padrão social seguido. Assim, a leitura do texto encaminha-se para a compreensão de que alguns versos de Drummond se aproximam de uma expressão de um estado de opressão do indivíduo.

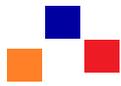
É interessante observar que as experiências analíticas de contato com a obra literária na sala de aula, em um espaço dialógico, permitem construir coletivamente um discurso crítico sobre o texto. Pinheiro (2006), em “Teoria da literatura, crítica literária e ensino”, relativiza e revisita o lugar da crítica na formação escolar do leitor literário. Para esse autor, a teoria literária e a crítica não devem ser tomadas de modo cristalizado e *a priori* no trabalho com a leitura na sala de aula. Segundo Pinheiro (2006, p. 116), a crítica pode iluminar e instigar a análise ou dar “pistas para uma compreensão nova”, mas defende-se principalmente o exercício crítico sobre o texto literário na interlocução com os estudantes: “os alunos, devidamente estimulados/motivados, poderiam realizar alguns exercícios de crítica” (PINHEIRO, 2006, p.120).

Consideramos que esse exercício de interpretação do texto literário em sala de aula pode ampliar, nas pesquisas acadêmicas, o alcance das experiências vividas, pois o que desponta na interlocução e no contato com o texto literário permite compor (ou até contrapor) sentidos, se colocados lado a lado com algumas perspectivas críticas.

O modo como a história, enquanto campo do conhecimento, transforma-se em problema estético é uma questão complexa para a crítica, posto que o enigma do poeta é também enigma para o crítico (como o é para qualquer leitor), que lida com a razão dessa incógnita que não se desata. Por isso, é preciso refazer por dentro o trajeto das curvas da aporia (ARRIGUCCI, 2005, p. 104). Isto é, as inquietudes do texto, no caso do poema de Drummond, reforçam a intensidade da interrogação e dos não ditos na propensão à reinvenção dos sentidos para a qual o texto aponta. Essa situação transposta para a aula de literatura também é complexa, já que o professor pode “traduzir” esse enigma do texto de forma que o fundo histórico e as categorias estéticas tão prementes não sejam o eixo preponderante ou cristizador de análise.

Analisando o verso “vou de branco pela rua cinzenta”, o aluno Hugo vê uma alusão à transparência: “A rua cinzenta impossibilita o sujeito de se expressar ou então todos são iguais e ele é o diferente”. Assim, o eu lírico que se apresenta no poema pode ser lido como alguém singular, que se faz distinto, possivelmente, ao fazer esse movimento de aproximação com a escrita literária.

Adiantando a discussão sobre a metapoesia, o estagiário 2 indaga: “Qual seria a forma de ele se revoltar sem armas? – Escrevendo. Percebam que o poeta está falando



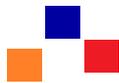
de poesia.” Sob essa perspectiva, a visão da metapoesia já é transposta – de antemão pelo estagiário – para a voz do sujeito lírico. O verso “Posso, sem armas, revoltar-me?” aparenta ser uma chave de leitura do discurso metalinguístico, dada previamente pelo estagiário (que talvez pudesse ter instigado a questão mais do que exposto sua análise). Vale destacar também que essa pergunta é feita logo na primeira estrofe, provocando o leitor a entrar nesse universo em que a palavra se reveste como prática social. Outra pergunta é feita pelo estagiário 2: “Se ligarmos isso ao momento da história e da política, o que encontraremos?”. A ditadura é a resposta de alguns alunos. Por fim, o estagiário pergunta: “Qual foi o método que o poeta achou para se expressar?” Os alunos respondem (como previsto na pergunta e resposta dadas pelo estagiário) que foi a escrita. Após a discussão do poema, a turma passou a compreender que a escrita literária era um aspecto central no poema.

Pensar na ideia do texto literário como fuga é entrar no percurso do sujeito lírico de “A flor e a náusea”, que se vê preso no início do poema e aos poucos vai se libertando ao se aproximar do espaço de nascimento da poesia. É possível também compreender a abordagem acima do poema exposta pelo estagiário 2 como um modo de representar o eu poético que, ao ser associado a uma atmosfera de refúgio, aparece um tanto retido, retorcido: os muros que o rodeiam não o escutam, exilando-o.

A partir desse exercício analítico do estagiário, poder-se-ia até pontuar que essa prisão diz respeito ao exílio do mundo ficcional, tendo em vista que esse poema trata da busca do encontro da voz lírica com a sua própria poesia. Vale destacar que, sendo metáfora para um possível isolamento, os muros, enunciados na terceira estrofe (“Em vão me tento explicar, os muros são surdos.”), bloqueiam a tentativa de saída, caso que exprime, dessa maneira, a solidão existencial de um mundo em que o indivíduo não é ouvido, aparentando estar num lugar inóspito. A dor do enclausuramento é tão intensa que nem o sol, luz preciosa para aqueles que estão privados de ser livres, renova-o, apesar de ainda ser um consolo (“O sol consola os doentes e não os renova”). Visto que os *muros* “são surdos”, o caminho é tentar “furar o asfalto” – o bloqueio metafórico da liberdade – através da flor, pois será ela a voz que se fará ouvida na sociedade.

Dando prosseguimento à interlocução analítica, na leitura da quinta estrofe, o estagiário 2 pergunta: “O que seriam os ‘crimes da terra’?”. O aluno Jian responde que esses crimes poderiam ser notícias da ditadura e o estagiário refuta que, provavelmente não, asserção que talvez pudesse ter sido melhor revisitada: até que ponto o termo “crimes da terra” não teria um ponto de contato com a questão da ditadura? Não seria apressado demais abrir mão desse olhar interpretativo? Não seria ele uma pista para um olhar mais abrangente sobre a expressão “crimes da terra”?

Outro verso entra na discussão: “O que o eu lírico disse que era canto de libertação?”. O estagiário 2 responde: “A escrita na forma de poema”. Assim, uma aluna complementa: “e alguns desses poemas foram publicados, pois estes eram o modo de fuga do sistema”. Essa observação da aluna ilumina outro ponto do poema: não basta somente escrever o texto, ele precisa ser publicado, nascer para o seu leitor, tal como aparece, mais ao final do



poema, em sua antepenúltima estrofe, o “nome que não está nos livros”, mas ele começa a se fazer perceber quando nasce no asfalto. Assim, como Octavio Paz notou no texto “Poesia e História” (2012, p. 191), “o poema, ser de palavras, vai além das palavras, e a história não esgota o sentido do poema; porém, o poema não teria sentido – nem sequer existência – sem a história, sem a comunidade que o alimenta e à qual alimenta”. Ou seja, o que “não está no livro”, expresso verbalmente, faz-se poesia, pois a literatura se constrói no olhar do leitor, em modos de olhar para asfaltos (imaginados ou vistos) que produzem sentidos e reatualizam o poema através do diálogo de distintos contextos de circulação. Logo, podemos afirmar que a conexão com o extratextual se dá pela concretude (seja ela da imaginação ou da experiência “real”).

Seria possível pensar também, talvez, a partir da observação analítica acima, apresentada por essa aluna, que o poema seria uma espécie de linha de fuga, de desvio de um sistema opressor. E, ao ser publicado, ao ser aberto para o leitor, poderia permitir que o próprio leitor fosse convidado a esse modo de evasão, um escape feito de palavras, que abre brechas dentro de um sistema que restringe a libertação.

Vale observar que, no material didático elaborado pelos estagiários, houve uma breve contextualização sobre o livro mencionado para que a turma entrasse em contato com a atmosfera do espaço de publicação do poema analisado. Depois dessa apresentação da obra, ao retomar a leitura do poema, o estagiário pergunta: “Por que a rosa está desbotada?”. Jian responde: “ela ainda está despercebida”. Outro aluno comenta: “aí eu acho que ele está se referindo ao título do livro, *A rosa do povo*”. Interessante notar aqui que, com o pouco que foi discutido sobre a atmosfera desse livro, os leitores conseguiram, nessa situação de abertura ao diálogo no contato com o poema, fazer uma ligação entre o desbotar da rosa e o título do conjunto dos poemas a que “A flor e a náusea” pertence.

Talvez, através dessas análises dos alunos despontadas no ato da leitura, possamos ter condições de refletir sobre esse eu que se contorcena tessitura do próprio poema, de modo que suas palavras brotem, em meio à aspereza do asfalto, como “rosa desbotada”, uma rosa “despercebida”, segundo Jian. No verso discutido, o nascimento da flor feia, sem cor, é tão vulgar que sequer está classificado nos livros. Perceber a rosa é a urgência de algo novo, algo que surge para romper a náusea. Essa poesia que se coloca à frente, na caminhada por uma conquista social, está ao lado da metáfora da flor como nascimento de uma nova forma de viver que desabrocha no cerne do discurso literário, uma forma disfarçada, que passa, conforme nota o aluno, “despercebida”, de modo a poder perscrutar caminhos furtivos. Os alunos, os estagiários (e os pesquisadores) voltam-se para as lacunas que o poema abre, proporcionando, elas mesmas, um encontro que também é furtivo.

Na relação texto-leitor, assim como nas relações interpessoais, segundo Iser (1979), uma das bases da interlocução está no que não nos é dado, isto é, não compreendemos totalmente o outro porque somos incapazes de experimentar a experiência do outro – “negatividade da experiência”, para Iser (1979, p. 87); e essa incapacidade nos impulsiona a agir, instaura a necessidade da interpretação. Diferentemente das relações interpessoais, o texto não pode nos responder de imediato (como poderia

o outro nos responder em uma conversa), o que, na leitura literária, redobra a negatividade da experiência. Para Iser (1979, p. 88), é essa “carência que impulsiona uma relação”. Essa carência é dada pelo texto literário como lacunas, pontos de indeterminação. Esses vazios, presentes no poema de Drummond, provocam-nos a preenchê-los, mas, como eles nunca se completam, a experiência da leitura literária e da análise se abrem em infinitas possibilidades. Dessa experiência, emergem então incômodos, dúvidas, curiosidades, olhares, giros de sentidos, que despontam, talvez, como uma flor no meio de um asfalto.

A aluna Sylvia, ao analisar os versos que falam da flor,

Uma flor nasceu na rua!  
[...]  
Uma flor ainda desbotada ilude a polícia, rompe o asfalto  
[...]  
  
Sua cor não se percebe.  
Suas pétalas não se abrem.  
[...]

dá segmento à discussão comentando o seguinte: “é como se tivesse uma capa que a escondesse, para que não seja percebida pela polícia”. Nesse comentário, há um retorno do contexto histórico como elemento constante no processo de construção literária. Já Hugo destoa desse plano ao afirmar que “há um conteúdo dentro dela, mas que é protegido pela capa”. Essa ideia de proteção não nos leva a pensar na resistência do texto literário? É como se esse conteúdo, “sob cifras e códigos”, se preservasse guiado pela consciência de hostilidade à poesia que está envolta no poema em análise.

A discussão toma um outro rumo quando um aluno pergunta: “a flor faz referência a uma pessoa anônima ou ao livro *A rosa do povo*?”. A turma concorda que é ao livro e uma aluna expõe o seu ponto de vista: “Essa questão da cor, das pétalas, e o nome que não está no livro, deve ser referente ao que o senhor falou em mudar a capa, tentar se esconder”. Apesar da discordância da turma, pensamos que é possível, através da fala do aluno, rastrear um traço de uma interpretação possível. A questão do anonimato ou dessa voz furtiva é um aspecto presente na voz do sujeito lírico desde o início do poema e que, aparentemente, dissolve-se quando entoa o grito de anúncio do nascimento da flor. Ainda podemos destacar que essa ideia de anonimato – ou de uma voz disfarçada, possibilitada pela “capa” poética (apontada pela aluna) – pode corresponder ao sujeito lírico que se mascara, que se dobra, que se torce, que se forja ao não tentar se mostrar. Assim, é possível pensar que a flor, além de furar o asfalto, perfurou esse anonimato do eu lírico, um rompimento protegido pelas artimanhas poéticas, na medida em que o poema nasce sob essa “capa” dada pelos símbolos poéticos, tais como o da flor penetrando o asfalto.

Logo, é possível recuperar a leitura do aluno, redirecionando-a para essa relação entre indivíduo anônimo e nascimento da flor. Sobre a coloração da flor, mencionada

pela aluna, há um retorno à questão do “tentar se esconder” que pode também ser lido como uma metáfora para a própria construção literária do texto, posto que o símbolo da flor se constitui aos poucos. Tal fato pode ecoar na leitura de poesia quando a observamos como um processo que não se entrega de imediato ao leitor, pois é um processo de conquista que se apresenta em pequenas doses, tal como a flor.

No final da análise, inesperadamente, um aluno pergunta: “por que galinhas em pânico?”. O estagiário 2 responde: “isso é uma pergunta que eu faço para você”. O aluno não responde. É interessante ressaltar essa forma como a aula é concluída: com um verso transformado numa pergunta, deixando um lugar para o inacabado, para o suspense do ato de ler, pois, a cada entrada no texto, novas perguntas emergem. Dessa maneira, o poema pode ser percebido como uma indagação formal e conceitual, aspectos que foram comentados com a turma de estudantes. O estagiário 2 sugeriu que os alunos pensassem, através das lacunas desse verso, nas propriedades plurissignificativas do signo poético, na palavra como um espaço que guarda mais perguntas do que respostas.

Poder-se-ia aqui especular sobre esse fato de termos mais perguntas do que respostas na leitura literária, o que, de alguma maneira, evidencia que o discurso literário é um espaço de constante interrogação, sendo esta uma constatação que nos ratifica a percepção de que há na leitura um jogo, e o leitor é seduzido e provocado por essas indeterminações do texto, tal como pontua Iser (1999, p. 107): “o jogo ultrapassa o que é e se volta para o que não é ou ainda não é”.

A compreensão da leitura literária como jogo, sob a perspectiva iseriana, mostra-a como uma travessia de fronteiras, em que o leitor se move junto com o texto, em que seu horizonte de leitura é colocado na esteira de um constante deslocamento. Nesse contexto, o *eu todo retorcido* que se expressa em “A flor e a náusea” pode nos sugerir a pensar essa questão, ao se aproximar, num plano metapoético, dos dados históricos, reconfigurando essa relação ao trazer uma reflexão da presença da poesia no seio social do sujeito lírico que se inquieta.

Retomando o que já foi dito, podemos considerar que a forma como o sujeito lírico anuncia o nascer da flor sugere uma carga lírica cênica aos versos, como se estes testemunhassem não somente o desabrochar da flor, como também presenciassem o *eu retorcido* se reerguendo, por meio do signo da flor, uma flor desbotada.

Quando observamos os estagiários e os alunos associando a linguagem poética a um “disfarce”, a uma “capa” que permite uma “fuga”, um “refúgio”, ou ainda um “crime”, pode-se entrever aí uma espécie de tensionamento entre o texto e o contexto histórico com o qual o poema dialoga. Percebe-se, assim, nas reflexões tecidas em aula, uma articulação entre o metapoema e o mundo extratextual. Alguns aspectos apontados pela crítica despontam, de modo singular, na análise coletiva do poema que emergiu na sala de aula, sem necessariamente terem sido expostas *a priori* características do poema anunciadas por críticos renomados. É nesse sentido que o ensino de literatura pode se tornar um exercício crítico.



Vale a pena notar que, na análise feita em sala de aula, os alunos apontaram tanto para o desabrochar da flor quanto para a sua característica desbotada, o que lhe daria uma aparência despercebida. Ao relacionarem a produção do poema à imagem da flor, percebendo-o como uma espécie de disfarce e de via de “fuga”, algumas análises que emergiram na interlocução com o poema ressaltam a ligação do metapoema como o seu possível efeito estético. A linha de fuga, dada por esse sujeito lírico retorcido e mascarado, parece ser revisitada pelo leitor que se abre diante do “desafio” (como afirmara Hugo no decorrer da aula) proposto pelas “capas” da palavra poética. No entanto, trata-se de um desafio tortuoso, cujo efeito é o da “náusea”, da repulsa, ou, como comentou o aluno Gustavo, de uma repulsa que “pode estar relacionada ao sentimento do indivíduo de expulsão da própria vida”. Trata-se, pois, de um eu lírico cuja faceta é a do sujeito nauseado, embrulhado, *retorcido*, um sujeito insatisfeito, incomodado, inquieto.

É válido abordar aqui a fala da aluna Karolina ao notar que a flor pode ser a representação de uma “atitude filosófica”, desdobrando um dos principais símbolos do poema lido como um objeto que instiga a reflexão, o questionamento. Seguindo o pensamento de “pergunta e curiosidade” apontada pela aluna, é possível observar uma interlocução entre a “atitude filosófica” e a noção de “índice reflexivo”, uma espécie de “glossário poético” de temas presentes na poesia de Drummond, sugerida por Wisnik (2005). De acordo com o autor, os versos drummondianos pertencem a uma conjuntura da qual ao, mesmo tempo que se faz parte, também se exclui, indicando para o “(não) lugar” de sua poética. Esse “(não) lugar”, possivelmente, está expresso em “A flor e a náusea”, quando pensamos no espaço atípico em que a flor nasce, como se estivesse em luta com o próprio local ao qual pertence, mas que a exclui. Nesse sentido, pode-se ler a flor como uma “atitude filosófica”, pois, através de seu nascimento e constituição, o texto joga com o leitor ao manter a interrogação, as lacunas em relação a esse “(não) lugar” da poesia. Assim, nessas possibilidades de leituras incertas, que se camuflam, a metáfora da flor pode ser estendida para esse olhar que instiga a pergunta, a curiosidade, dialogando com a discussão do jogo da leitura e recuperando a atmosfera metapoética do texto ao considerar o símbolo da palavra como uma atitude mais direcionada para perguntas do que para respostas.

Talvez aqui seja importante voltar para o texto “Inquietudes na poesia de Drummond”, de Antonio Candido (1965, p. 87), em que uma fala do autor faz uma interlocução direta com o que pudemos constatar no desenvolvimento de nossa discussão: “ao longo da obra de Drummond, não observamos uma certeza estética, nem mesmo a esperança disto, porém a dúvida, a procura, o debate. A sua poesia é em boa parte uma indagação sobre o problema da poesia”. Portanto, construir uma metodologia de leitura literária para a poesia drummondiana é se colocar nesse exercício de interrogação, em que o texto literário, tal qual visto por Hugo, é um desafio.

O encerramento desta atividade ocorreu com a autoavaliação da disciplina Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa 2, momento em que os estagiários apresentaram o seu olhar sobre a experiência de leitura em sala de aula. As estagiárias e o estagiário da oficina de leitura já tinham um percurso pela leitura literária em sala de aula através da



participação do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID)<sup>6</sup> e da colaboração no Programa de Apoio às Escolas Públicas do Estado de Alagoas (PAESPE)<sup>7</sup>, projeto do curso de Engenharia Civil da Universidade Federal de Alagoas, em parceria com o grupo de bolsistas do Programa de Educação Tutorial (PET) da Faculdade de Letras.

De acordo com os estagiários, foi possível aprofundar o conhecimento da prática do ensino de literatura, em especial, ao focar todo o momento da oficina de leitura em um único poema de Carlos Drummond de Andrade. Esse exercício contribuiu para que esses estudantes se aprofundassem nas variadas “faces”, “cifras” e “códigos” da poética drummondiana.

Além disso, os estagiários comentaram que se sentiram surpresos com o rápido acompanhamento da leitura dos poemas que a turma fez, adiantando, até mais de uma vez, comentários que ainda estavam por vir nas falas das estagiárias.

### 3. Algumas conclusões

Vale a pena frisar que as experiências de leitura dos versos metapoéticos de Drummond, tanto nas práticas pedagógicas quanto nos caminhos analíticos que viemos trilhando por meio desses diálogos, transformou e inquietou a nossa visão sobre as particularidades da poética do autor e sobre a complexidade do trabalho com a poesia na formação do leitor. A leitura do metapoema em sala de aula é, por vezes, tortuosa, difícil de ser conduzida, mas parece sempre ser um convite, um convite a uma transgressão, a uma conquista, aquela de uma flor desabrochando em pleno asfalto. Não caberia, no trabalho com um poema tão inquieto, uma metodologia prescritiva, informativa. O texto desabrocha se o leitor entra em seu jogo, aceita seus desafios.

O signo da flor, essa flor desbotada que rompe o asfalto, parece reverberar em nós, leitores, a coragem para abrir fissuras em nossas certezas, convidando-nos para o desafio e para o disfarce do jogo do texto, um desafio que pode provocar náuseas, fugas, crimes, abrindo refúgios em um eu todo retorcido. O caminho percorrido pela flor aparenta se tornar um caminho seguido também pelo leitor, que busca entender a náusea que acompanha

---

6 O PIBID é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. O programa concede bolsas a alunos de licenciatura, participantes de projetos de iniciação à docência, desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino. Os projetos devem promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas, desde o início da sua formação acadêmica, para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola.

7 O PAESPE é um projeto que pretende dar subsídios para que os estudantes de escolas públicas do Estado de Alagoas tenham mais condições de prestar os exames de vestibular ao concluir a educação básica. O programa também visa trazer os alunos para o convívio da rotina da Universidade, uma vez que as aulas são realizadas na própria Universidade, *campus* A.C. Simões. Todas as áreas do conhecimento são contempladas pelo Paespe, que conta com colaboradores (professores instrutores) de variados cursos da UFAL.



esse eu que se torce e que figura o ambiente do nascimento da flor. Assim, compreendemos a leitura de poesia como um convite para esse jogo de incertezas ao lado da palavra. O verso “uma flor nasceu na rua!” ressoa em nós, leitores, como um lirismo que pulsa, que vibra, ao anunciar uma vida que nasce, seja ela flor, seja ela palavra, seja ela...

## Referências

- ANDRADE, C. D. de A. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- ARRIGUCCI, D.J. **Coração partido**: uma análise da poesia reflexiva de Drummond. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.
- BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1977.
- CANDIDO, A. Inquietudes na poesia de Drummond. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1965. p.67-97.
- ISER, W. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **A literatura e o leitor**. Textos de Estética da Recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p 83-132.
- ISER, W. O jogo. Tradução de Bluma Waddington Vilar. In: ROCHA, João Cezar (Org.). **Teoria da ficção**: indagações à obra de Wolfgang Iser. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 105-115.
- PAZ, O. Poesia e história. In: PAZ, O. **O arco e a lira**. Tradução de Ari Roitman e Paulima Watcht. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 191-258.
- PINHEIRO, H. Teoria da literatura, crítica literária e ensino. In: PINHEIRO, H.; NÓBREGA, M. (Org.). **Literatura**: da crítica à sala de aula. Campina Grande: Bagagem, 2006.
- WISNIK, J. M. Drummond e o mundo. In: NOVAES, A. (Org.). **Poetas que pensaram o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 19-64.

Recebido em 24 de abril de 2017.

Aceito em 16 de outubro de 2017.

### Diogo dos Santos Souza

Doutorando em Estudos Literários (2015) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, Mestre em Estudos Literários (2015) e Graduado em Letras Português pela mesma Instituição. Graduando em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá (2017). Atualmente, é docente do Instituto Federal de Alagoas, *campus* Piranhas. [diogosansouza@gmail.com](mailto:diogosansouza@gmail.com)

### Eliane Kefalás Oliveira

Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (2009), com doutorado sanduíche na Universidade de Barcelona. Mestre em Educação (na área de Educação, Conhecimento, Linguagem e Artes) pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (2003), graduada em Licenciatura e Bacharelado em Letras pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (1996). Atualmente, é docente da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. [llycaoliveira@gmail.com](mailto:llycaoliveira@gmail.com)